

Proletários de todos os países: UNI-VÓS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Desmascarada a burla eleitoral NA GRANDE CAMPANHA POLÍTICA DE MASSAS

A repressão e a ilegalidade campeiam por todo o país como símbolos das «eleições» fascistas. Mesmo assim, o fascismo foi incapaz de amordçar o Movimento Democrático, e muitas dezenas de milhar de portugueses estão participando na campanha política de massas, lutando pelas liberdades democráticas, pelo fim da guerra colonial, por melhores condições de vida.

A apresentação de candidaturas democráticas em 9 dos principais distritos do país, as dezenas de comícios realizados em poucos dias, as comissões criadas, os variadíssimos documentos publicados, representam um importante êxito das forças democráticas unitárias e um sério desaire para o governo.

As acções do 5 de Outubro e as três dezenas de sessões e comícios realizados até essa data, com as salas a abarrotar, e de tal forma que houve sessões onde muitas centenas de pessoas não puderam entrar, mostram com clareza o isolamento da camarlha governamental. As poucas sessões da ANP, essas, só não estão às moscas porque o funcionalismo público é requisitado em todo o lado para ir a elas.

As viagens ministeriais por todo o país com a distribuição de subsídios como se fossem «bódos aos pobres», as promessas demagógicas e a hipocrisia de M. Caetano, não conseguem esconder a verdade: o regime e o Governo estão cada vez mais isolados e agravando a crise em que se debatem. Na «conversa» de 27-9, M. Caetano falou em «opções decisivas» e no «momento muito delicado da vida nacional», mas não foi capaz de responder à sua própria pergunta: «como vamos sair disto?»

O governo fracassou

O governo desejava ardentemente que as «eleições» decorressem num clima «calmo» e com uma oposição colaboracionista. Ele esforçou-se por criar uma falsa oposição ou uma espécie de 3ª força que lhe podesse dar uma fachada pseudo-liberal. Os seus intentos fracassaram! Na «conversa» de 27-9, M. Caetano não foi capaz de esconder a sua amargura pelo falhanço da experiência com os ex-deputados chamados liberais e por não ter sido criada uma pseudo-oposição. «Não o fizeram, e sinceramente tenho pena» — disse ele, num

triste desabafo!

Não havendo qualquer pseudo-oposição liberal, convinha ao regime que não houvesse qualquer participação democrática, para se poder dizer ao país e ao mundo que o Governo tinha o apoio de todos os portugueses. Também aqui o Governo falhou!

Recorrendo a uma desenfreada repressão e à publicação do já famigerado decreto eleitoral repressivo de 12-9, o Governo pensou que conseguiria dividir e silenciar a Oposição democrática. Não se pode deixar de notar que não foi apenas o governo que pretendeu silenciar o Movimento Democrático. Numa estranha coincidência, houve oportunistas de «esquerda» e de direita que se «uniram» para se oporem à apresentação de candidaturas democráticas. Alguns deles, nomeadamente em Lisboa, Figueira da Foz, Castelo Branco, recorreram mesmo a golpes sujos com vistas a desunir o Movimento.

No dia 24 de Setembro, a Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, reunida em território libertado, proclamou a independência e a constituiu da República da Guiné-Bissau.

Esta decisão da Assembleia do povo guineense assume dimensões e alcance internacionais. Doravante a luta pela independência transforma-se na luta de um Estado soberano pela libertação de parcelas do território nacional ainda nas mãos dos colonialistas portugueses.

A proclamação da independência não é, como os fascistas portugueses propagandaram alguns dias depois, um acto formal e gratuito. Foi uma decisão maduramente preparada e baseada nos êxitos militares e políticos do P.A.I.G.C. A Assembleia Nacional Popular, foi eleita em Outubro de 1972 e com a participação de 77.515 guineenses que escolheram 273 conselheiros regionais e 99 representantes.

A Assembleia proclamou a independência, aprovou a constituição do novo Estado e os seus órgãos de soberania. O seu órgão superior é o Conselho de Estado, cujos 15 membros foram eleitos, o Conselho dos Comissários do

Camponesas de Alpiarça UMA SEMANA DE GREVE

Na luta por uma jorna de 100\$00 nas vindimas cerca de 250 camponesas de Alpiarça fizeram greve durante uma semana. Tradicionalmente as mulheres ganhavam um salário correspondente a metade do dos homens. Este ano os camponeses e camponesas de Alpiarça resolveram acabar com esta situação e reivindicar para a época das vindimas 140\$00 para os homens e 105\$00 para as mulheres. Formaram uma comissão que fez várias reuniões com numerosos trabalhadores e fez e distribuiu algumas tarjetas e circulares colocando esta reivindicação.

Ao iniciar-se as vindimas as jornas começaram com os 140\$00 para os homens e 80 para as mulheres, o que já representava para as mulheres um aumento de 30\$00 em relação ao ano passado e um aumento de 10\$00 em relação a metade da jorna dos homens. No entanto as valentes camponesas de Alpiarça recusaram aceitar essa jorna, fizeram uma concentração na «praça de jornas» em 10-9 e entraram em greve a partir desse dia. No dia seguinte cerca de 50 camponesas foram falar com o presidente da Casa do Povo, que nada resolveu. Foram em seguida ao governador civil, donde as mandaram para o INTP tendo aqui recebido como resposta o insulto dum funcionário fascista que lhes disse que «o que elas não queriam era trabalhar». A greve continuou e um dos ranchos que já estavam a trabalhar sendo contactado pelas camponesas solidarizou-se e largou o trabalho.

No dia 17-9, os lavradores ofereceram partir ao meio a diferença, passando a jorna para 90\$00. As camponesas resolveram aceitar, tendo assim obtido, ao fim dum semana de greve, uma vitória muito significativa. Eis mais um exemplo de que só pela luta os trabalhadores conseguem vencer.

Alargar a campanha política de massas

Nos distritos onde se impuseram ao Governo as candidaturas de Oposição que ele não desejava, desenvolveram-se grandes acções, as massas dão provas de crescente combatividade e o Movimento Democrático é uma força unitária em pleno desenvolvimento.

A acção unitária de massas fez fracassar o objectivo do Governo de silenciar a Oposição e é através dessa mesma linha de massas que a política do Governo e a farsa eleitoral estão a ser profundamente desmascaradas perante o país e o mundo.

Contrariamente a isso, nos distritos onde por oportunismo ou medo houve democratas que se opuseram à apresentação de candidaturas, nomeadamente em Braga, Beja, Viseu e Viana, favorece-se a continuação na 2ª pág.)

PROCLAMADA A REPÚBLICA DA GUINÉ

Estado, órgão do poder executivo com 8 comissários e 8 sub-comissários, igualmente eleitos. Foi constituído ainda o Secretariado Permanente do PAIGC, com quatro membros: Aristides Pereira, secretário geral, Luís Cabral, Francisco Mendes e Nuno Vieira.

Para chefe do Conselho de Estado foi eleito Luís Cabral e para Presidente do Conselho dos Comissários do Estado Francisco Mendes.

Trata-se de militantes destacados do PAIGC na frente de combate e na organização política

e militar, alguns dos quais foram com Amílcar Cabral, herói nacional, os fundadores do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde.

No momento em que se escrevem estas linhas a República da Guiné-Bissau foi já reconhecida por mais de 50 países. Trata-se dum grande vitória para o PAIGC, como declarou Vitor Maria, Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros da República da Guiné-Bissau, que acrescentou que no momento oportuno será pedida a sua admisão na ONU.

Mensagem do P.C.P.

Aos camaradas Aristides Pereira, Secretário Geral do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, Luís Cabral, Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, Francisco Mendes, Presidente do Conselho de Comissários da República da Guiné-Bissau.

Queridos camaradas:
Por motivo da proclamação da

República da Guiné-Bissau, enviamos-vos as mais calorosas felicitações do Partido Comunista Português. Estamos certos de traduzir os sentimentos dos trabalhadores e das forças progressistas de Portugal, saudando este acto histórico que constitui um novo e importante passo no caminho da libertação completa do vosso povo da exploração e do domínio colonialista.

Nenhuns interesses ou objectivos (continua na 4ª pág.)

DESMASCARADA A BURLA ELEITORAL

(continuação da 1ª pág.)
receu-se os objetivos do Governo, enfraqueceu-se a acção unida da Oposição à escala de todo o país, e impossibilitou-se a participação activa de muitos milhares de pessoas desses distritos na campanha política de massas. Será desejável que os democratas desses distritos compreendam a tempo o erro que cometeram e não fiquem na posição de espectadores nem se demitam dum luta que também é deles, procurando formas adequadas de lutar juntamente com os democratas de todo o país.

A repressão — símbolo da «vitória» eleitoral fascista

A onda repressiva desencadeada pelo Governo com vistas a impedir ou a limitar a campanha política de massas é uma clara demonstração do seu temor e do seu isolamento.

Só nos últimos dias de Setembro e primeiros dias de Outubro, (data deste artigo do «Avante!»), centenas de democratas, incluindo vários candidatos de Lisboa, foram presos ou multados; vários dirigentes e activistas sindicais foram despedidos dos seus empregos; foi anulada, a lista de candidatos de Ponta Delgada; foram proibidas ou suspensas diversas sessões públicas; e em algumas proibiu-se a entrada a jovens com menos de 21 anos; impediu-se que nas sessões sejam oradores todos os que não são candidatos; a censura aumenta e até nos comícios se pretende impedir que se discuta o problema da guerra colonial; as sedes das candidaturas (Pórtio, Peniche, e outras) ou os locais de Encontros e reuniões democráticas (Marinha Grande, Braga, Caldas da Rainha, etc.) foram assaltadas e cercadas pelas forças repressivas; sucedem-se as provocações e intimidações a centenas de democratas; apreendem-se milhares e milhares de documentos diversos das candidaturas, cartazes e centenas de livros com as conclusões do Congresso de Aveiro; as licenças militares, desde meados de Setembro a fins de Outubro, foram canceladas.

Este pequeno sumário do estendal da repressão fascista tes-

temunha o nervosismo, o temor e o isolamento do Governo. Ele está a recorrer a todos os meios para intimidar e semear um clima de terror. Ele não cumpre as suas próprias leis. Mesmo com tudo isto, M. Caetano tem a desfaçatez de afirmar que deseja que o acto eleitoral seja precedido de «uma campanha correcta» (!).

Ir ou não às urnas

O Governo proibiu e procurou impedir a campanha democrática pelo recenseamento. Promoveu a seguir cortes maciços (só na Marinha Grande foram cortados cerca de 500 democratas). Diz M. Caetano que estão recenseados 2 milhões de pessoas, o que significa que mais de metade da população adulta do país não está recenseada, não pode votar. A repressão, o arbitrio, e as ilegalidades fascistas atingiram uma envergadura igual ou superior à dos «melhores tempos» de Salazar. Mas os «tempos» actuais são outros.

Com o infame decreto sobre a abstenção eleitoral, (tal como se sublinha no manifesto da Comissão Executiva do Partido de 15-9), «M. Caetano julgou ter encontrado o instrumento capaz de forçar a Oposição Democrática a ir às urnas sem condições para proclamar depois a sua derrota clamorosa».

Com decreto ou sem ele, os desejos e os sonhos de M. Caetano falharão! As massas e os candidatos democratas recusam-se a ceder perante a repressão e imposições fascistas!

Na altura própria, o Movimento Democrático decidirá qual a posição a tomar sobre a questão de ir ou não às urnas. Já na sua reunião de Julho, o CC do Partido sublinhava: «Se o governo insiste em pretender impedir a actividade do movimento democrático, em suprimir as reclamações populares, em preparar sem escrúpulos mais uma mascarada, não será de esperar que as forças antifascistas venham em tais condições a decidir ir às urnas».

Alargar mais e mais a acção de massas

A acção repressiva do Governo

não visa apenas amedrontar e impedir o desenvolvimento da luta, mas também o desviar a luta dos objetivos imediatos mais essenciais. Enfrentar a repressão e fazê-la recuar é indispensável, mas a luta contra a repressão deve ser enquadrada na grande campanha política de massas, campanha que deve continuar a alargar-se, mesmo nos distritos onde não se apresentaram candidaturas. A luta deve prosseguir para além das «eleições» na base das reivindicações políticas que constituem hoje a Plataforma Unitária do Movimento Democrático, na luta

- pelas liberdades democráticas;
- contra a repressão e pela amnistia;
- pelo fim da guerra colonial;
- por aumento de salários, contra a carestia de vida e o peso dos impostos;
- contra o domínio dos monopólios e a submissão ao imperialismo.

O Governo não conseguiu nem conseguir amordaçar o Movimento Democrático, e este não deve ceder à chantagem, nem às violências fascistas. Ante as proibições do Governo, ante as suas ilegalidades e violências, há que recorrer a variadas formas de luta, promover grandes comícios e reuniões, mesmo nos campos, realizar grandes concentrações, organizar manifestações de rua.

Consolidar a unidade na acção

Gordos os esforços fascistas para dividir a Oposição, desarticulados e cada vez mais isolados certos desagregadores e pseudo-revolucionários, a unidade democrática amplia-se na acção.

Ampliar e consolidar a unidade na acção, formar novas e variadas comissões (nas empresas, nos sindicatos, nas escolas, em todas as localidades), agir à luta antifascista novos milhares de activistas, deve ser uma das principais preocupações de todo o movimento democrático.

O «comunicado comum» saído do Encontro de Setembro entre delegações do Partido Comunista e do Partido Socialista, sublinha que nos respectivos partidos actuam para reforçar os laços de cooperação com todas as correntes políticas participantes no movimento unitário.

A grande campanha política de massas ainda está no começo, mas as acções de massas já realizadas comprovam a justeza da orientação preconizada pela P.C. e outras forças democráticas. As eleições-burla estão a transformar-se numa grande campanha política de massas, devem constituir uma séria derrota para a camarilha fascista de M. Caetano, isolando-a cada vez mais, e representar um grande alargamento das posições e conquistas do Movimento Democrático.

Intensifiquemos cada vez mais a luta unida de massas pelas liberdades democráticas, pelo fim da guerra colonial, por melhores condições de vida! Fazamos frente à repressão fascista!

A PROVOCAÇÃO policial

São várias as informações que indicam estar a PIDE-DGS a fazer esforços para recrutar e infiltrar agentes e provedores seus nos movimentos democrático, da juventude? etc.. O facto em si não é novidade, pois sabe-se ser esse um dos processos constantes da actividade pidesca. Mas há, sem dúvida, uma intensificação de esforços nesse sentido. Há poucos meses, veio a saber-se que uma pessoa que procurava assiduamente um antifascista a pedir propaganda democrática, etc., era simplesmente um agente da PIDE.

Nun Plénario dos democratas de Coimbra, descobriu-se e expulso-se um conhecido fascista da ANP da Figueira da Foz que estava a assistir ao Plénario e que foi lá levado por um democrata da Figueira!

Poder-se-iam citar outros exemplos. Eles mostrariam que a PIDE não se preocupa sómente em infiltrar provedores e agentes seus. Ela procura também recrutar provedores e informadores entre pessoas fiéis por democratas. Impõe-se aumentar a vigilância e a luta para localizar, denunciar e isolar todos os provedores. Mas deve haver sempre o máximo cuidado para não se fazerem acusações e denúncias sem fundamento.

ATENÇÃO!

Na medida em que aumenta o descontentamento nas forças armadas, a resistência contra a guerra colonial, os protestos contra os abusos e arbitrariedades dos oficiais fascistas, aumenta também a actividade dos bufos e espíões, cuja missão é denunciar aos comandos os seus companheiros.

A raiva e impotência dos fascistas expressa-se em ameaças, não só de castigos como de eliminação física. O chefe de Estado-Maior, coronel Nunes Igreja, por exemplo, numa circular confidencial, diz que não basta prender os subversivos. Que é necessário «eliminar»!

Impõe-se grande vigilância, pronto desmascaramento e isolamento de bufos e provocadores.

Mensagem ao P.S.U.A.

Por motivo da morte do camarada Walter Ulbricht, o camarada Alvaro Cunhal, Secretário-geral do P.C.P., enviou ao Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha o seguinte telegrama:

«Queridos camaradas:

Foi com profunda emoção que tomámos conhecimento da morte do insigne militante e dirigente comunista Walter Ulbricht. Enviando-vos as mais sentidas condolências dos comunistas portugueses, fazemos sinceros votos por novos e grandes sucessos na obra à qual Walter Ulbricht dedicou toda a sua vida.»

Os marginais...

Aqui e acolá, em alguns Plénários democráticos, apareceram pessoas que recorreram a manobras e aos argumentos mais inaceitáveis para que não fossem apresentadas candidaturas democráticas.

No Plénário distrital de CASTEL-LEU-RANCO, depois de já estar aprovada a participação «eleitoral», houve pessoas que pediram uma não votada e um deles até propôs que os votos não fossem em condições de eleitorais! Por tal proposta, não poderia votar no Plénario, entre outros, quem não tivesse direitos políticos, ou seja, aqueles que foram os fascistas... Que grande «democracia»!

Nam dos Plénários do distrito de COIMBRA, houve um grupinho da FIGUEIRA DA FOZ que se destacou... Disse um deles que participar na campanha seria dar um apoio ao regime. Um outro argumentou de que o problema colonial não lhe merecia a atenção do Mo-

vimento Democrático, nor ser um problema do Governo (!!). O «Avante!» já referiu as manobras de certos abstracionistas de Lisboa que tentaram um golpe que falhou, no sentido de levar o Movimento a Inacção. Sabe-se agora que alguns dos defuntos «fascistas» ameaçam ir para as sessões da Figueira da Foz... Eles tinham razão: não há que ficar condicionado à geografia (!), e no caso em questão o que interessava era haver «desagregamentos» de votantes contra a campanha política de massas. Desconhecemos se esses mesmos «rotadores» da luta na bancada apareceram ainda noutros distritos.

Luta nas empresas

Na **Mague** o grande descontentamento que reinava entre o pessoal e que se acentuava a partir da paralisação determinou os operários a pressionar a C.I. (Comissão Interna) para ir à gerência pedir explicações. Como porém daí nada resultasse, uma comissão de operários publicou e distribuiu na empresa um documento criticando o desinteresse da C.I. e apelando para a formação duma Comissão para conduzir a luta sob formas mais vigorosas. A gerência, receando isso, apressou-se a anunciar o aumento em julho, tendo os operários da secção de tornos perguntado ao chefe quando ia o aumento. Como resposta a esta acção foram despidos dois jovens.

Os aumentos variaram entre 200 e 1100 escudos, sendo a maioria de 400 e 500. Alguns operários consideraram-nos bastante abaixo do necessário para fazer face ao aumento do custo de vida, sem contudo deixarem de considerar que foi uma vitória. Mais uma vez se fez sentir na **Mague** que foi uma das causas da falta duma pronta reacção ao despedimento dos dois jovens, a falta de uma Comissão de Unidade, além de que a C.I. não pode ser o órgão representativo dos interesses dos trabalhadores como mais uma vez ficou demonstrado.

Na **Electro-Cerâmica** (Porto), uma secção de cerca de 50 operários abandonou o trabalho e concentrou-se junto da Administração para exigir aumento de salários e o regresso ao Sindicato dos Metalúrgicos, pois o patrão mudara-se abusivamente o ano passado para o dos Electricistas. Operários das outras secções abandonaram também o trabalho. Enquanto uma comissão ficou a discutir com o patrão, as restantes regressaram aos seus lugares mas só retomaram o trabalho quando

as colegas voltaram.

Como consequência da luta as operárias desta secção foram aumentadas em 10800, tendo o aumento nas outras secções sido diferenciado. Entretanto o patrão suprimiu um prémio de assiduidade de 4500 e aumentou em 3800 as refeições da cantina, tentando recuperar por um lado o que foi obrigado a dar por outro, o que impõe o prosseguimento da luta.

Nos **Estaleiros Navais de V. do Castelo** os operários das secções de serralharia e torneiros recusaram-se a fazer horas extraordinárias a partir das 20 horas se não lhes fosse pago a refeição da noite e a hora que gastam na refeição. 75% de acréscimo nessas horas extraordinárias e serem dispensados de trabalhar as 4 horas de sábado sem diminuição de salário, reivindicações que a empresa foi obrigada a satisfazer.

Trabalhadores das outras secções que também fazem horas extraordinárias mas não participaram na

luta, continuam a fazê-las nas condições anteriores sem receberem sequer a refeição da noite. Isto mostra bem quanto é importante para os trabalhadores a sua unidade e quanto é indispensável a luta.

Os trabalhadores das **Oficinas dos S.T.C.P.** enviaram a Administração um abaixo-assinado com 600 assinaturas reivindicando a semana americana, tendo conseguido ver satisfeita a reivindicação. Esta luta inscreve-se na luta dos trabalhadores dos S.T.C.P. por várias reivindicações, nomeadamente o pagamento do 7º dia.

Os revisores de imprensa do **«Diário de Lisboa»** fizeram um abaixo-assinado que enviaram ao Conselho de Administração, a exigir aumento de salários.

Telefones—O pessoal da Central automática (Lisboa) enviou um abaixo-assinado à Administração de protesto contra a recente proibição de tomarem o pequeno almoço no bar da cantina. A classe prossegue a luta pela revisão do ACT, continuando a fazer reuniões no sindicato.

Pescadores de Matosinhos NOVA GREVE—NOVA VITÓRIA

No dia 25 de Setembro, os valentes pescadores de Matosinhos iniciaram nova greve de 3 dias, com a participação massiva e combativa da classe. Durante a tarde, mais de 1.500 pescadores se concentraram na praia, reclamando os 10500 que lhe haviam sido prometido há 3 meses, durante a greve de 70 dias, passando a ter 69500 de caloridade. Durante a concentração foi distribuída uma tarjeta dum grupo de pescadores que dizia: «Não vamos ao Mar! Ninguém fique encaçado! Só saídas ao mar com os 10500! Mais uma vez unidos, venceremos; camaradas, firmes como rochedos!».

A greve foi decretada e constituída piquetes de greve. O aparato policial, as novas promessas dos armadores e da Capitania, nada fez vacilar os pescadores em luta. No dia 27 e 28, aparece a PIDE-DGS em força interrogando e ameaçando sem resultado.

No dia 28 realiza-se nova concentração, como na véspera. perante a decisão e combatividade dos pescadores o governo é obrigado a dar os 10500, temeroso do alargamento do conflito no movimento em que se processa a grande campanha política de massas.

A vitória fora total. O entusiasmo era enorme! Saudamos os valentes pescadores pela sua luta e por terem sabido aproveitar o momento político, integrando a luta reivindicativa na campanha política de massas, o que favoreceu a sua rápida vitória.

Luta Sindical

Cerca de 1.200 operários da **METALÚRGICA DUARTE FERREIRA** (Tramagal) reuniram-se em assembleia para apreciar a revisão do ACT. A sala do sindicato comportava apenas cerca de 200. Os restantes ficaram nos corredores e na rua, participando nas discussões através de alti-falantes e microfones que foram montados para esse fim. Esta reunião fora inicialmente convocada para o Cine-Teatro de Alferrarede, mas o governador civil proibiu-a. Mais de 1.000 operários submersem num abaixo-assinado de protesto contra esta arbitrariedade e com o mesmo fim foram enviados telegramas ao INTP. Posteriormente as autoridades proibiram outra reunião.

As discussões estão a ser dirigidas por uma Comissão Sindical formada na base de 7 sindicatos. Entraram no debate e o INTP recusam-se a aceitar a revalidação da Comissão para que o ACT seja estendido a todos os trabalhadores da empresa. Os delegados que trabalham no Tramagal. Com a colaboração da Junta Disciplinar da Corporação da Indústria Impõem a revalidação da Comissão para o dia dum ACT cujas condições, segundo a proposta da empresa, são inferiores às que esta já se encontra a aplicar.

São continuando unidos e firmes a luta os trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira conseguiram impor a satisfação das suas justas reivindicações e um ACT melhor que o que lhe querem impingir.

CONTRA OS DESPEDIAMENTOS—Para anular o despedimento do presidente do Sindicato dos Técnicos de Desenho reuniram-se 12 sindicatos que enviaram telegramas de solidariedade ao respectivo sindicato. Os delegados da empresa Grão Pará e um telegrama de protesto a esta mesma empresa contra o despedimento daquele trabalhador, exigindo a sua imediata readmissão. Várias outras acções de solidariedade têm tido lugar, tais como abaixo-assinados dos grupos de Traballistas do Top, da Mague, telegramas dos desenhadores dos Estaleiros Navais de V. do Castelo, do Tramagal, da Casa Neta dos Grupos de Trabalho dos Gráficos e dos Têxteis do Porto e de vários sindicatos individualmente.

Um grupo de 10 sindicatos deslocou-se ao Ministério das Corporações para se avistar com o Secretário de Estado e expor este e outros casos e pedir medidas contra o despedimento de dirigentes sindicais. Não foram recebidos!

A perseguição e o despedimento de dirigentes e activistas sindicais está a ser uma forte corrente de repressão da actividade sindical a que está a recorrer o patronato com o apoio tácito do INTP e do governo. São inúmeros os casos de dirigentes e activistas sindicais despedidos ou perseguidos pela sua acção em defesa dos seus camaradas de trabalho. Mais recentemente também despedido um trabalhador da RABOR (os americanos da ITT) candidato a deputado da lista do movimento democrático pelo distrito de Angra e componente da lista B do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito, cujas eleições irão repetir-se. Na Marinha Grande foi também despedido um activista sindical da fábrica Escota, tendo a direcção do Sindicato dos Vidreiros conhecido uma reunião de discussão que compareceram cerca de 200 para discutir e tomar posição sobre o caso. Entre outras medidas foram enviados telegramas de protesto ao INTP e ao Secretário de Estado e também ao reatado. A luta contra os despedimentos é um dos aspectos da luta contra a repressão e tem de intensificar-se.

AMNISTIA

Uma delegação portuguesa no Xº FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE

No Xº Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado na RDA de 28 de Julho e 5 de Agosto e em que participaram 30.000 jovens de 140 países representando à volta de 1.700 organizações juvenis, participou uma delegação da juventude portuguesa, composta de cerca de 70 jovens trabalhadores e estudantes. Foi a maior delegação da juventude portuguesa que até hoje participou num Festival Mundial da Juventude.

A delegação da juventude portuguesa esteve dum modo geral representada em todos os actos do Festival e participou no longo desfile de cerca de 2,5 Km. até ao Estádio transportando cartazes com frases como: «Abaixo o fascismo», «Abaixo a guerra colonial», «Contra a ditadura dos monopólios», «Viva os países socialistas», etc. Os jovens portugueses foram sempre acolhidos com calorosa simpatia pela juventude da RDA e pelas outras

delegações. Quer no desfile quer nos meetings e conferências a presença dos jovens portugueses era sempre longamente saudada. Conhecendo as condições difíceis em que luta a juventude portuguesa, a juventude progressista do mundo manifestava-lhe assim a sua solidariedade.

Entre as realizações do Festival em que a delegação portuguesa participou encontram-se: encontros e convívios com outras delegações, nomeadamente com as dos Movimentos de Libertação das colónias portuguesas, «meetings»; sessões de homenagem; festival da canção política, tendo um jovem português ganhar um 1º prémio; conferências; seminários; mesas redondas; entrevistas; visitas, entre as quais uma ao an-

tigo campo de concentração nazi onde depôs um ramo de flores no túmulo dos prisioneiros de guerra ali assassinados.

A participação no Festival Mundial da Juventude foi para os jovens portugueses uma oportunidade excepcional de contactar, conviver e confraternizar com a juventude do mundo sob os lemas da paz, da amizade, da solidariedade e da luta anti-imperialista. Foi uma oportunidade excepcional de conhecer a vida e os problemas dos jovens dos outros países e de dar a conhecer os seus, fortalecendo-se assim os laços fraternais que unem todos os jovens que lutam por um mundo melhor.

A delegação da juventude portuguesa aprovou uma saudação a enviar à Juventude Livre Alemã, manifestando-lhe o seu reconhecimento pela boa preparação e organização do Festival e agradecendo os cuidados que foram dispensados à delegação portuguesa e às condições de trabalho que lhe foram proporcionadas.

Libertemos os presos políticos!

Comunicado comum

REPÚBLICA DA GUINÉ

(continuado da 1ª pag.)

No mês de Setembro de 1973, teve lugar um encontro de delegações do Comité Central do Partido Comunista Português e do Conselho Directivo do Partido Socialista.

As delegações dos dois partidos procederam a uma larga troca de opiniões sobre a situação política portuguesa.

Ambas as delegações manifestaram a opinião de que a crise do regime fascista se tem agravado e que o governo de Marcelo Caetano, cada vez mais isolado nos planos nacional e internacional, se debate em contradições e dificuldades que não consegue superar.

Foram amplamente apreciados os progressos da luta democrática e popular.

Ambas as delegações manifestaram a opinião de que os problemas nacionais fundamentais no imediato são: a liquidação da ditadura fascista e a conquista das liberdades democráticas; o fim da guerra colonial e negociações com vistas à independência completa e imediata dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique; e a libertação de Portugal do domínio dos monopólios e da submissão ao imperialismo. As delegações concordaram em que a formação de um governo democrático provisório, que promova eleições verdadeiramente livres para uma Assembleia Constituinte, seria um decisivo passo para a solução do problema político português.

Ambas as delegações se pronunciaram no sentido de uma unidade sem discriminações dos democratas portugueses dispostos a lutar unidos pelos objectivos essenciais acima enunciados.

As delegações sublinharam que os respectivos partidos actuam para reforçar os laços de cooperação com todas as correntes políticas participantes no movimento unitário.

Ambas as delegações manifestaram acordo acerca da importância das actuais estruturas do movimento democrático, embora neste não haja qualquer representações partidárias impossíveis nas condições actuais.

Em relação às eleições fascistas para Assembleia Nacional, as delegações expuseram a posição dos respectivos partidos. Os dois partidos consideraram que o governo de Marcelo Caetano prepara uma nova farsa eleitoral, de forma alguma poderá traduzir a vontade do Povo Português. Apesar disso, consideramos necessário que se apresentem candidaturas unitárias, escolhidas livremente pelo movimento democrático, e que se conduza nessa base uma campanha política, tendo fundamentalmente em vista a mobilização de massas e o reforço da Oposição democrática para continuar o combate depois das eleições.

As delegações examinaram a evolução da situação internacional — em especial o desaninhamento na Europa — favorável ao desenvolvimento da luta do Povo Português e ao alargamento da solidariedade internacional. Trocaram impressões sobre as relações internacionais dos dois partidos e sobre iniciativas a tomar em comum a fim de acentuar o isolamento internacional do fascismo e do colonialismo português.

As delegações do Partido Socialista e do Partido Comunista Português expressaram a vontade dos dois partidos de manterem contactos regulares, de prosseguirem e aprofundarem as trocas de ponto de vista, de procurarem aproximar as suas posições sobre problemas em que existam divergências e de reforçarem os laços de cooperação em acções concretas.

Este encontro decorreu numa atmosfera de franqueza e fraternidade antifascista.

Palavras claras

Publicamos neste número do "Avante!" o Comunicado Comum de um encontro realizado em Setembro entre delegações do Partido Comunista Português e do Partido Socialista. O encontro e o acordo para uma actuação comum em acções concretas são passos positivos e constituem uma contribuição para o desenvolvimento da luta popular antifascista e anticolonialista.

Deve sublinhar-se que não se trata, por parte do PCP, de qualquer aliança preferencial. O PCP tem e deseja ter semelhantes relações de cooperação com outros sectores democráticos, não confundindo o movimento democrático, no próprio processo de luta, com os seus fins próprios e os originais de organização unitária, em que participam não só comunistas e socialistas, mas democratas das mais variadas tendências e que decide livre e democraticamente (através das suas amplas estruturas) da sua política e da sua acção.

Também se deve sublinhar que as relações entre os dois partidos e a preocupação unitária não significam que não continuem a existir numerosas divergências. No caso concreto, torna-se tanto mais ne-

cessário sublinhá-lo, quanto é certo que o PS teve o mau gosto de, no preciso momento do encontro com o PCP, por em divulgação um relatório de Afonso Soares em que o anticolonialismo e as alianças contra o PCP mantêm os moldes habituais. Vê-se que os socialistas portugueses, ao renovarem o seu partido, não querem ter em conta a experiência.

Está profundamente lido que suponha que a sincera vontade de unidade por parte dos comunistas significa destes a tolerância para com a desinformação e a propaganda anticomunista. Isto é válido para os socialistas, como para qualquer outro sector.

Estamos prontos à unidade com objectivos concretos. Consideramos um passo positivo o encontro com o Partido Socialista. Mas não cedemos um milímetro no plano ideológico. Demoscamos-nos sem hesitação a desinformação, as concepções oportunistas, as manifestações de anticomunismo e as calúnias contra o nosso Partido.

Estamos certos que, assim também, daremos uma contribuição para a unidade.

vos separam e muito menos o põem o povo português e o povo da Guiné-Bissau. As lutas dos dois povos são solidárias e dirigem-se contra os mesmos inimigos. Estamos certos de que os laços de amizade hoje existentes entre os nossos dois Partidos, os sentimentos de fraternidade existentes entre os nossos dois povos, se traduzirão um dia, quando o colonialismo português for finalmente derrotado e quando Portugal for libertado do fascismo e da submissão ao imperialismo,

numa cooperação fraternal entre os nossos dois países livres e iguais.

Hoje, como sempre, podemos contar com a nossa activa solidariedade. Estais certos de que não pouparemos esforços nem sacrifícios para desenvolver em Portugal a luta contra a criminoso guerra colonial, pelo reconhecimento da independência da vossa Pátria.

Pelo Comité Central do Partido Comunista Português
Álvoro Cunhal

Liberdade para DIAS LOURENÇO

Liberdade para JOSÉ MAGRO

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

À memória de A. Saboga	240\$00	José Magro	10.000\$00
À memória de C. Eufemia	40\$00	Idem	200\$00
Idem	110\$00	José Gregório	5.000\$00
Idem	3.000\$00	José Vitoriano (Coca da	385\$00
Idem	40\$00	de Madeia e a juventude	100\$00
À memória de C. Campino	1.300\$00	José comunista	40\$00
À memória de Guilherme	240\$00	José vermelhos (V)	100\$00
À memória de Guilherme	8.837\$50	Leonel p. paz	100\$00
À memória de J. Cabrita	13.000\$00	Liberdade p. A. D. Lourenço	210\$00
À memória de J. Gregório	13.000\$00	Liberdade p. Álvaro Pato	80\$00
Idem	500\$00	Lib. H. Rufino	30\$00
A. Socialista de Leiria	100\$00	Liberdade p. J. Magro	5.100\$00
Idem	200\$00	Maria e a juventude	20\$00
Abaixo a guerra colonial	100\$00	Liberdade p. pres. políticos	30\$00
Idem (1)	150\$00	Idem	230\$00
Idem (2)	2.500\$00	Libertação da Guiné	150\$00
Alentejanos progressistas	2.000\$00	Luís (João)	2\$00
Alentejanos vermelhos	100\$00	Miguel R. da Silva (G)	1.000\$00
Alentejanos vermelhos	50\$00	Marta	300\$00
Amigo do Oeste	500\$00	Idem	50\$00
Amigo do Partido (P)	100\$00	Maria (Julho)	20\$00
Amigos do Partido (P)	100\$00	Idem	200\$00
Amnistia D. Lourenço	30\$00	Mec. progressista	200\$00
Ana (Março, Abril, Maio)	60\$00	Metalúrgicos revolução	185\$00
Ana	20\$00	Minhato resistente (B)	40\$00
Antifascista (O)	2.000\$00	Motista vermelho	20\$00
Antifascista amigo do P.	1.000\$00	Nal vermelho	500\$00
Idem	1.000\$00	O meu dever	60\$00
António Gerdasio	10.000\$00	Para a frente	250\$00
António Gerdasio (A)	2.000\$00	Pastor vermelho	100\$00
Assim se temora o ago	240\$00	Pedreiros vermelhos	100\$00
Auxílio ao Partido	7.000\$00	Peia empacado da mulher	100\$00
Avante Miguel	110\$00	Pela Reforma Agrária	500\$00
Barraquinha alentejana	100\$00	P. um Ribatejano organizado	200\$00
Bolcheviquezinho	3.000\$00	Presos políticos	850\$00
Candidato vermelho	100\$00	Professor (Março, Ab., Maio)	60\$00
Casal amigo	100\$00	Professor	30\$00
Catarina Eufemia	312\$00	Prokofiev (1-2)	300\$00
Idem	312\$00	Quero continuar	100\$00
Che Guevara heroico	110\$00	Reforma agrária	150\$00
Chelena (IV)	50\$00	Religião socialista	1.000\$00
Idem	50\$00	Idem	25\$00
Idem (6)	50\$00	Idem	125\$00
Comerciante amigo	100\$00	Rogério de Carvalho	10.000\$00
Contra o fascismo (A)	100\$00	Ruma a vitória (P)	315\$00
Idem	100\$00	Sempre amigo (L)	100\$00
Dias Lourenço	1.000\$00	Idem	500\$00
Idem	1.000\$00	Idem	500\$00
Idem	1.000\$00	Idem	20.000\$00
Idem	10.000\$00	Idem	100\$00
Diniz Miranda	75\$00	Sindicatos Libres	40\$00
Idem	1.500\$00	Trabalhador amigo	100\$00
Dum fato mecano	1.000\$00	Um amigo do Partido	1.810\$00
Economia socialista	500\$00	Um emblema de Lenine	165\$00
Idem	600\$00	Um marxista	60\$00
Emblema 50º aniv. PCP	100\$00	Uma democrata firme	100\$00
Ensinio democrático	30\$00	Vermelhos alentejanos	3.000\$00
Escravo da ditadura fascista	30\$00	Vinhos do Tarrafal	390\$00
Idem	30\$00	Idem (6)	440\$00
Fernando Vicente	70\$00	Idem	30\$00
Ferreiro velho	235\$00	Idem	30\$00
Gabriel Pedro (IV)	200\$00	Idem	200\$00
Idem	200\$00	Idem	350\$00
Galvão vermelho	1.000\$00	Idem	100\$00
Georgie e Sofia	1.000\$00	Idem	100\$00
Idem	300\$00	Idem	100\$00
Grupo amigos Gerdasio (7)	300\$00	Idem	100\$00
Guilherme Carvalho	120\$00	Idem	100\$00
Ho Chi Minh (1)	1.500\$00	Idem	100\$00
Imprensa democrática	30\$00	Idem	100\$00
Idem	30\$00	Idem	100\$00
Idem (6)	30\$00	Idem	100\$00
Inauguração popular armada	550\$00	Idem	100\$00

TOTAL: 164.275\$00

«O reforço da defesa, da organização, da actividade do PCP é essencial para o desenvolvimento do processo revolucionário.»

O GOVERNO INTENSIFICA A REPRESSÃO

Em pleno período eleitoral o governo intensifica por todo o país e sob todas as formas a repressão. Procura assim criar um ambiente de terror, impedir pela acção repressiva a actividade das forças democráticas, a luta pelas liberdades, contra a guerra colonial, pelo pão.

São as prisões de numerosos democratas quando distribuem documentos e tipografias com o intuito de outros actos ligados à actividade democrática: são as proibições e interrupções das reuniões pela PIDE-DGS, PSP e UNR, em muitos casos, com identificativos, interrogatórios e multas; são as chamadas a Pide, PSP e UNR de muitos democratas para serem interrogados e ameaçados; são as multas e a perseguição extensiva e persecutória de democratas e activistas do movimento; são as invasões das casas dos moradores e a destruição de destruição canalizada de tudo o que encontram, como aconteceu em Peniche; são os assaltos a editorias e tipografias com o intuito de a destruir, do material impresso e ainda o assalto a casas de democratas com o mesmo objectivo; é o reforço da vigilância policial em cafés, ruas e outros lugares públicos; é o assalto à caravana da CDE de Lisboa quando percorria várias localidades do conselho contactando com as populações e distribuindo a propaganda, em que são identificados e presos 33 aos participantes, incluindo os candidatos e apurados; é a censura e a destruição sobre as eleições; são as notas do M. do Interior, do G. Civil e da PSP, a proibição de intervir em sessões, outros eventos ou manifestações, os candidatos, com a agravante de a todo o momento as autoridades policiais poderem interromper os discursos ou manifestações, a proibições de que se evite a ofender a pátria.

Em apoio do que se afirma e além destes exemplos, podemos ainda concretizar outros ocorridos durante o mês de Setembro. Assim, nas Caldas da Rainha, a casa em que se realizava uma reunião de democratas foi cercada com grande aparato pela PSP e Pide que identificou todas as pessoas que saíram, o que motivou um protesto dos democratas ao presidente da Câmara. Os democratas do Porto, quando chegaram à sede do movimento para a realização dum plenário distrital encontraram na vedada por 6 comissários da PSP que proibiram a reunião a pretexto de que não estava autorizada. Os democratas conseguiram fazer a noutro local. A uma reunião concebida da M. Grande, a que assistiam cerca de 70 democratas, apareceu a PSP que proibiu a reunião e pretendia identificar a mesa para aplicar multas, a que todos os presentes se opuseram protestando. Num plenário distrital de Braga apareceram vários carros da GNB e Pides que se mantiveram em frente da casa e identificaram todas as pessoas à saída. No final do Encontro Nacional do movimento democrático a PSP e a Pide identificavam e multaram os participantes. Nos correios foram apreendidos 10.000 exemplares das «Conclusões» do COD e a tipografia assaltada pela Pide, que apreendeu ainda onde ponde e quanto ponde exemplares das «Teses» do distrito de Setúbal ao COD. Poder-se-ia continuar a citar exemplos sem fim, mas as que deixamos bastam para dar uma ideia da acção repressiva do

fascismo e são uma amostra das facilidades da campanha eleitoral a que se referiu M. Caetano na sua última conversa em família.

É preciso alargar a luta contra a repressão

A luta contra a repressão é uma das formas de luta contra o fascismo e pela liberdade. Os democratas e o povo têm reagido e enfrentado corajosamente a repressão, denunciando-a e protestando das mais diversas formas contra os actos das forças repressivas. No Encontro Nacional de 26-8 foi aprovada uma declaração em que os vários distritos declararam o seu repúdio pela repressão exercida pelo governo contra as mais elementares liberdades do povo português, denun-

ciavam as prisões e os processos de tortura da PIDE; no plenário distrital do Porto foi aprovada uma moção de protesto face à actual situação repressiva; na região de Lisboa, além dum Apelo ao Povo de Lisboa subscrito por mais de 250 assinaturas para a libertação de democratas presos, dum comunicado da C. Executiva da CDE de que foram distribuídos 15.000 exemplares em cinemas, praças e outros lugares públicos (comunicado reeditado pela C.D. do Porto), foram ainda distribuídos milhares de tarjetas e coladas centenas de autocollantes exigindo a libertação destes democratas, enviados telegramas individuais e colectivos de várias partes do país a M. Caetano pedindo de audiência, abaixo-assinados, etc; na Feira Popular uma jovem quando distribuía mani-

festos é libertada das mãos dum Pide por populares. Muitas outras acções contra a repressão têm sido realizadas numa luta que se insere na luta geral do nosso povo contra o fascismo. Há que intensificar e alargar a luta contra a repressão, não ficar passivo perante as prepotências e arbitrariedades das autoridades fascistas, não aceitar a legalidade fascista, não pagar as multas, denunciar por todas as formas a acção policial, realizar protestos massivos, multiplicar os casos do impedimento da prisão de antifascistas como aconteceu na Feira Popular, lutar contra a tortura, pela libertação dos presos políticos, pela Amnistia.

AO COMITÉ CENTRAL DO P.T. VIETNAM

Queridos camaradas:
Aos nossos camaradas e da classe operária de Portugal e certos de interpretar o sentimento de todos aqueles que no nosso país têm acompanhado, ao longo dos anos, com solidariedade e admiração, a gloriosa luta do povo do Vietnam contra os agressores americanos, o Comité Central do Partido Comunista de Portugal, com o grande apoio do Partido dos Trabalhadores do Vietnam e, através dele, todos os comunistas, os trabalhadores, o mil milhões de pessoas do mundo inteiro.
A longa luta pela independência e unificação da milenária acção vietnamita contra os agressores estrangeiros, culminou com a grande vitória alcançada contra o imperialismo americano. Saudamos de todo o coração por esta vitória alcançada, que é firme e esclarecedora, a direcção do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, a estreita unidade dos comunistas com o povo.
A luta do povo do Vietnam, pelos combates e sacrifícios conquistados a admiração do mundo inteiro, desencadeou o maior movimento de libertação revolucionária internacional que a história registra. De entre essa solidariedade, destaca-se o apoio dos países socialistas com o qual, à cabeça, assim como a solidariedade do nosso povo português, os comunistas e da classe operária internacional. Assim a vitória do povo vietnamita contra os bárbaros agressores americanos, testemunha também, uma vez mais, a justeza dos princípios do internacionalismo proletário baseado na defesa da paz, da democracia, do socialismo e do comunismo.
Os comunistas portugueses, em condições de difícil conjuntura de clandestinidade contra a ditadura fascista, consideram-se parte integrante da luta internacionalista e da luta de libertação das diversas acções levadas a cabo pelo povo português de solidariedade para com o povo do Vietnam. Cientes de que a luta internacionalista continua a ser necessária, podemos contar que tudo faremos para estimular junto do nosso povo, a oposição ao fascismo, mas também contra a guerra colonial que os colonialistas portugueses conduzem em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, e a luta pela sua independência. O povo português, além disso, contra o domínio imperialista em Portugal. Daqui decorre uma certa identidade de objectivos de luta entre o povo do Vietnam e o povo de Portugal.
Por tudo isto, julgamos de grande importância o reforço das relações de camaradagem e fraternal solidariedade entre o Partido dos Trabalhadores do Vietnam e o Partido Comunista Português. As nossas vitórias constituem uma preciosa contribuição à nossa própria luta.
— VIVA O HERÓICO POVO DO VIETNAM!
— VIVA O GLORIOSO PARTIDO DOS TRABALHADORES DO VIETNAM!
— VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!

Julho de 1973

O Comité Central do Partido Comunista Português

NO VIETNAM uma delegação do P.C.P.

A convite do Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, uma delegação do Partido Comunista Português, dirigida pelo camarada Fernando Blanqui Teixeira, membro do Comité Central do P.C.P., e que incluía ainda o camarada Jaime Serra, igualmente membro do Comité Central do Partido, efectuou uma visita de amizade à República Democrática do Vietnam de 26 de Julho a 4 de Agosto de 1973.

No decurso da sua estadia no Vietnam, a delegação visitou o Museu da Revolução, o Museu da História, um certo número de localidades bombardeadas pela aviação americana em Hanói, Haifong e Quang Ninh. Por todo o lado foi acolhida calorosa e amigavelmente.

O camarada Truong-Chinh, membro do Bureau Político do Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, recebeu a delegação e teve com ela uma entrevista fraternal.

A delegação visitou também a Representação Especial da República do Vietnam do Sul na República Democrática do Vietnam.

Uma delegação do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, dirigida pelo camarada Nguyen Duy Trinh, membro do Bureau Político do Comité Central do Partido, teve conversações com a delegação do Partido Comunista Português, que decorreram numa atmosfera de cordialidade e amizade.

A delegação do Partido Comunista Português apreciou altamente a luta do povo vietnamita contra a agressão americana, pela salvação nacional, e a sua grande vitória de alcance histórico, considerando-a como uma contribuição muito importante à luta comum dos povos do mundo contra o imperialismo e o colonialismo, pela paz, a independência nacional, a democracia e o socialismo.

A delegação do P.C.P. sublinhou que a luta por exigir dos Estados Unidos e da Administra-

ção de Saigão a estrita aplicação do Acordo de Paris, e os esforços para ajudar o povo vietnamita a edificar uma vida nova na independência e na paz, constituem uma nobre obrigação internacionalista dos países e dos povos irmãos, dos povos progressistas do mundo. Neste espírito, a delegação exprime o apoio caloroso do Partido Comunista e do povo português à luta do povo vietnamita na nova etapa.

A delegação do Partido dos Trabalhadores do Vietnam exprimi a sua sincera gratidão pelo caloroso apoio do Partido Comunista, das forças democráticas e do povo português, considerando-a como uma preciosa fonte de encorajamento à luta do povo vietnamita.

O P.T.V. e o povo vietnamita condenam energeticamente a política de cruel terror do governo totalitário fascista de Portugal. Exigem que esse governo ponha imediatamente em liberdade os comunistas e os combatentes democratas portugueses actualmente presos; que os colonialistas portugueses ponham fim à sua guerra colonial sangrenta em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; e que os povos desses países possam livremente decidir os seus próprios destinos.

O Partido dos Trabalhadores do Vietnam e o povo vietnamita apoiam resolutamente a corajosa luta do Partido Comunista, da classe operária e do povo de Portugal contra o regime de ditadura fascista e o colonialismo português, contra a submissão de Portugal ao imperialismo estrangeiro, pela conquista das liberdades democráticas, da independência, da paz e do progresso social. Estão firmemente convictos de que essa justa luta alcançará a vitória total.

A visita de amizade da delegação do Partido Comunista Português ao Vietnam foi coroada de sucesso.

(Do jornal «Nhan Dan», órgão central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam)

CHILE

O sangrento golpe militar no Chile é um novo exemplo da determinação da grande burguesia e do imperialismo em utilizar os meios mais criminosos e bestiais, — a subversão, o terrorismo, a intervenção das forças armadas, contra o povo — para continuar a explorar, para impedir a libertação dos trabalhadores e dos povos, mesmo quando esta é o resultado duma luta desenvolvida no quadro da Constituição e das leis, que a própria burguesia promulga.

No caso do Chile ficou completamente a nu a mentira colossal das acusações de subversão social feita aos trabalhadores e aos comunistas pelas forças reaccionárias de todos os países.

As forças progressivas da União Popular tudo fizeram para que reformas profundas fossem realizadas sem reprimir violentamente as forças reaccionárias, sem guerra civil. A burguesia não é porém animada por sentimentos humanitários, nem respeita a vontade dos povos.

Conseguir levar ao poder um governo de progresso social é um grande passo. Mas, para que esse governo possa realizar o seu programa tem de arrancar o aparelho dos Estados às mãos do inimigo classe, tem de organizar um novo aparelho do Estado, tem de utilizar a força material para, se necessário, impedir ou esmagar as tentativas legais e subversivas da reacção, para, se necessário, se antecipar ao emprego da força brutal, assassina e sanguinária, que o inimigo de classe não hesita em utilizar. Os acontecimentos do Chile novamente o confirmam.

A mando e ao serviço da oligarquia e do imperialismo, os generais chilenos fizeram intervir com a máxima brutalidade as forças armadas, bombardearam, e destruíram, assassinaram o Presidente eleito e numerosos democratas, efectuaram prisões em massa, suprimiram as liberdades, instalaram uma ditadura feroz e procuraram liquidar, com a violência mais brutal, a corajosa resistência do povo chileno.

O golpe militar no Chile provoca uma viva indignação em todo o mundo. As forças progressistas exprimem os seus veementes protestos e manifestam a sua solidariedade. O Partido Comunista Português levanta também o seu protesto contra o golpe sanguinário dos militares chilenos, ao serviço da grande burguesia e do imperialismo e expressa a sua solidariedade para com a classe operária, os trabalhadores e as forças democráticas do Chile, para com o Partido Comunista Irmão e o Partido Socialista, vítimas neste momento da violenta repressão.

Por muito duro que seja o momento presente, o futuro pertence aos trabalhadores, aos comunistas, às forças progressivas do Chile.

Com o povo chileno

Os protestos e solidariedade internacional para com o povo e

Golpe militar da reacção

as vítimas da repressão, os militantes assassinados e atirados para a prisão, os julgamentos sumários que prosseguem — atingem proporções enormes e abarcaram os mais diversos sectores políticos.

O povo português e os democratas manifestam por toda a parte a sua solidariedade aos seus irmãos chilenos. Energias, moções, telegramas e mensagens foram aprovados em grandes assembleias e plenários do Movimento Democrático pelos trabalhadores, pela juventude trabalhadora e estudantil, pelas mulheres. Milhares de manifestos editados pelo PCP e pela UEG, foram distribuídos.

Em todos os comícios da Oposição Democrática, com a participação de milhares de portu-

gueses, foram feitos minutos de silêncio e aprovadas moções de apoio e protesto.

Defendamos a vida de Luís Corvalan

Luís Corvalan, secretário geral do P.C. do Chile caiu nas mãos dos carrascos do seu povo. Os propósitos dos gorilas de liquidar o dirigente da classe operária chilena são evidentes: o nosso camarada corre o risco de ser fusilado. Aarguem os protestos, as manifestações de solidariedade, integremo-nos na grande campanha internacional das mais diferentes forças políticas, defendamos a vida de Luís Corvalan.

Mensagem do PCP ao PC do Chile

Queridos camaradas:

O Partido Comunista Português condena vigorosamente o golpe militar da reacção no vosso país. Juntamos a nossa voz à voz de todos aqueles que, em todo o Mundo, manifestam a sua indignação contra o golpe odioso e os crimes da reacção e do imperialismo, para impedir que o povo chileno siga o caminho de liberdade, progresso social e independência que livremente tinha escolhido.

No momento em que uma sangrenta repressão se abate sobre os trabalhadores e as massas po-

pulares, sobre o vosso Partido, o Partido Socialista e outras forças da União Popular, expressamos a nossa inteira e fraternal solidariedade.

Temos plena confiança, queridos camaradas, que o Partido Comunista do Chile, a classe operária e as forças progressistas do vosso país, por muito duras que sejam as provas a que estão a ser submetidos, não desfalecerão, um momento que seja, no seu justo combate e acabarão por alcançar a vitória.

O Comité Central do Partido Comunista Português

A superioridade do socialismo

A propaganda burguesa e dos inimigos da URSS e dos países do campo socialista tenta encarnar, mas nada pode argumentar perante os factos, as realizações e os êxitos dos países socialistas. Perante esta realidade procuram silenciar e ocultar o conteúdo público dos dados e números incomparáveis, por demonstrarem demasiado a eficácia do socialismo.

Nos últimos vinte anos

Depois da publicação recente das estatísticas do AME (comunidade de economia socialista que agrupa a URSS, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Mongólia, Polónia, RDA, Roménia e, desde há pouco, Cuba) prova-se irrefutavelmente que os ritmos de crescimento da comunidade dos países socialistas são nitidamente superiores aos do grupo dos países capitalistas desenvolvidos. No decurso do período 1950-79, a produção industrial dos países do CAME foi multiplicada por oito, enquanto que nos países capitalistas desenvolvidos apenas triplicou.

A evolução do rendimento nacional faz ressaltar essa realidade. Nos Estados Unidos, entre 1951 e 1971, o rendimento nacional foi multiplicado por dois, enquanto que, no mesmo período, era multiplicado por 3,6 na URSS, por 6,3 na Bulgária, por 3,3 na Checoslováquia, por 3,2 na Hungria, por 4,9 na Polónia, por 4 na RDA, por 6,7 na Roménia.

O exame do volume de investimentos propicia conclusões igualmente significativas. Enquanto nos últimos vinte anos o volume de investimentos progrediu 80%, nos Estados Unidos, no conjunto dos países do CAME foi multiplicado

por 5,7 (470%). E não se trata apenas de progresso relativo: cálculos feitos segundo o mesmo método mostram que a URSS atingiu o nível dos Estados Unidos no que toca o volume dos investimentos. Lembremos que em 1972, a URSS passou a ser a primeira potência mundial de aço, com 126 milhões de toneladas.

A par com a progressiva quantificação, podem observar-se modificações significativas na estrutura da produção. Assim, as construções mecânicas, a química, a produção de energia eléctrica, representam 2-5 da produção industrial total dos países da comunidade socialista, ou seja, uma proporção semelhante à dos países capitalistas desenvolvidos.

Os resultados perfeitados e o programa adoptado (que prevê, nomeadamente, que a produção industrial será cinco vezes maior em 1990), permite prever que nos próximos 15 ou 20 anos os países da comunidade socialista constituirão a região industrial mais desenvolvida do mundo.

Tudo para o homem

Nos países socialistas, o desenvolvimento impetuoso das forças produtivas, abre enormes possibilidades para uma exaustiva continuação do nível material e cultural dos seus povos. Países como a Bulgária e a Hungria e a Roménia que há 25 anos figuravam na reatadura da Europa, nos planos económico e social, igualavam progressivamente os países mais desenvolvidos. O desenvolvimento, que atinge cifras de milhões nos países capitalistas e tende a aumentar, desapareceu ali por completo.

Mensagem do PCP ao PCUS

Por motivo do 70º aniversário do II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, o Comité Central do Partido Comunista Português transmite-vos, e por vossa intermédio a todos os comunistas e ao povo da União Soviética, as mais calorosas saudações fraternais dos comunistas e da classe operária de Portugal.

O II Congresso do POSDR constituiu um ponto de viragem fundamental no movimento revolucionário da classe operária russa e internacional, ao consumir a criação do primeiro Partido proletário de novo tipo, o Partido bolchevique. Foi esse Partido que dirigiu a Grande Revolução de Outubro, a criação do primeiro Estado dos operários e camponeses, a construção do socialismo num sexto do globo, inaugurando assim uma nova era da História. Foi esse Partido que, à cabeça do povo soviético, comandou o golpe mortal sobre o nazi-fascismo na 2ª Guerra Mundial, e que, prosseguindo ao longo dos anos uma firme política de coexistência pacífica, contribuiu decisivamente para que seja garantida aos povos uma paz duradoura. Foi e é esse Partido um constante exemplo do mais elevado espírito de internacionalismo proletário, prestando poderosa e multiforme ajuda fraternal aos trabalhadores e povos de todos os continentes na sua luta contra a exploração capitalista, o colonialismo, o imperialismo. É esse Partido que conduz hoje o povo soviético à construção do Comunismo, rasgando uma vez mais o caminho luminoso do futuro a toda a Humanidade.

Os princípios ideológicos, políticos e orgânicos do Partido revolucionário da classe operária e a fundamentação do seu papel dirigente na revolução socialista — elaborados cientificamente por Lênine e consubstanciados em 70 anos de luta do PCUS — são uma aquisição capital da teoria marxista-leninista, válida universalmente. Assim o comprova a experiência mundial do movimento operário e comunista internacional, daqueles partidos que, como o nosso próprio Partido Comunista Português, se criaram e desenvolveram como os partidos revolucionários da sua classe operária guiando-se pelos ensinamentos leninistas e inspirando-se nas realizações históricas do Partido de Lênine.

Eis porque hoje, immanentes conosco, nós comemoramos essa data histórica.

Viva o Partido Comunista da União Soviética, o Partido dos bolcheviques, o Partido de Lênine!

30 de Julho de 1973

O C.C. do P.C.P.

Rádio Moscovo

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 h, e das 20,30 às 21 h, pelas ondas de 30, 31, 41, 42 e 49 metros.